

# Museu na Escola-Laboratório de John Dewey

Museum at the Laboratory-School  
of John Dewey

Museo en la Escuela-Laboratorio  
de John Dewey

**José Minerini Neto<sup>1</sup>**

---

1 Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professor na rede particular de ensino de São Paulo, pesquisador independente sobre história da educação da arte moderna e contemporânea. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6031242208088301>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9190-6307>  
E-mail: [jminerini@gmail.com](mailto:jminerini@gmail.com)

## **RESUMO**

Este artigo apresenta a proposta de Escola-Laboratório de John Dewey, na qual se destaca a presença de um espaço dedicado a museu dentro do ambiente escolar. Para analisar essa proposta, fez-se necessário analisar também a função educacional de museus e suas implicações educacionais tanto na escola quanto fora dela.

## **PALAVRAS-CHAVE**

John Dewey; Escola-laboratório; Museu; Educação.

## **ABSTRACT**

This article presents a proposal for a Laboratory-School by John Dewey, which highlights the presence of a space dedicated to a museum within the school environment. To analyze this proposal, it was necessary analyze too the educational function of the museum and its educational causes both at school and outside it.

## **KEYWORDS**

John Dewey; Laboratory-school; Museum; Education.

## **RESUMEN**

Este artículo presenta la propuesta de John Dewey para una Escuela-Laboratorio, en la que se destaca la presencia de un espacio dedicado a un museo dentro del ambiente de la escuela. Para analizar esta propuesta, fue necesario analizar también la función educativa de los museos y sus implicaciones educativas tanto en la escuela como fuera.

## **PALABRAS CLAVE**

John Dewey; Escuela-laboratorio; Museo; Educación.

## Introdução

Foi durante minha pesquisa de doutorado sanduíche CAPES realizada no *Teachers College (TC)* da *Columbia University* em Nova York que tive contato com as informações que pautam esse artigo. Lá, sob orientação de Ana Mae Barbosa e coordenação de Judith M. Burton, procurei conhecer melhor como a educação progressiva pensada por John Dewey estava presente em museus dos Estados Unidos. Para tanto, dividi a pesquisa em duas etapas: a primeira foi fazer pesquisa bibliográfica na *The Gottesman Libraries* do TC; a segunda se compôs por visitas a museus com vistas a conhecer se e como a filosofia educacional de Dewey estava presente nas ações educativas dessas instituições.

Esse artigo parte da primeira etapa, na qual conheci as pesquisas de George E. Hein<sup>1</sup> sobre museu e dá continuidade a um relato de experiência que apresentei em seminário comemorativo do centenário do livro *Democracia e educação* organizado pelos programas de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Londrina.

Dentre os vários textos de Hein que tive acesso (todos inéditos no Brasil), destacam-se os que compõem o livro intitulado *Progressive museum practice: John Dewey and democracy*, no qual o pesquisador analisa a história da educação progressiva proposta por Dewey em museus dos Estados Unidos. Desde então, procuro conhecer melhor como isso se dá, assim como possíveis relações entre museu e educação que se faz no Brasil.

## A Escola-Laboratório de John Dewey

Por que montar bibliotecas? Por que fundar museus? Por que organizar acervos? Por que fazer exposições? As respostas são muitas e podem divergir, entretanto, uma delas se faz presente: trata-se de situações potencialmente educacionais. Essa constatação gerou embates no Estados Unidos e vem se fortalecendo nas últimas décadas no Brasil, sobretudo quando se trata de museus e demais instituições culturais relacionadas a exposições. Em sua proposta de educação, Dewey destaca a importância que os ambientes possuem em procedimentos educacionais:

Jamais educamos diretamente e, sim, indiretamente, por intermédio do ambiente. Grande diferença existirá em permitirmos a ação casual do meio e em escolhermos intencionalmente o meio para o mesmo fim. E será casual a influência educativa de qualquer meio, a menos que de caso pensado não o regulemos para a obtenção de um efeito educativo. A diferença entre um lar inteligente e outro ininteligente está principalmente em que os hábitos de vida e a convivência daquele são escolhidos, ou, pelo menos, impregnados

---

<sup>1</sup> Professor emérito da Lesley University na Escola de Pós-graduação em Artes e Ciências Sociais e pesquisador associado sênior do Programa de Avaliação e pesquisa, cofundado por ele em 1976.

da ideia de seu influxo sobre o desenvolvimento das crianças. As escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direção mental e moral dos que as frequentam. (DEWEY, 1979, p. 20)

Para atingir esse fim, Hein acentua que Dewey pensou ser a escola um laboratório com várias instâncias, onde os estudantes pudessem colocar em prática suas ideias. Ele observou que bibliotecas e museus tinham regras disciplinares extremamente rígidas, dentre as quais, muitas são seguidas até hoje e que deveriam ser revistas e abertas à experiência, o que o levou a pensar sobre a importância de escolas terem franco diálogo com bibliotecas e museus.

A Escola-Laboratório (ou Escola Dewey, como também ficou conhecida) foi aberta por ele em 1896 e ficou ativa por aproximadamente dez anos. Situada na Universidade de Chicago, serviu de campo para testar a viabilidade da educação progressiva a partir de experiências de aplicação prática.

Para Dewey, isso significava implementar as duas principais vertentes da educação progressiva: princípios pedagógicos de aprendizagem por meio do envolvimento em atividades (e reflexão sobre elas) e princípios políticos de desenvolvimento de uma comunidade cooperativa onde atividades escolares seriam compartilhadas entre os alunos, assim como entre alunos e professores. (HEIN, 2012, P. 39<sup>2</sup>)

## **A função educacional de museus nos Estados Unidos**

À época da fundação da Escola-Laboratório de Dewey, museus dos Estados Unidos eram pouco reconhecidos como espaços educacionais. Hein destaca que embora a educação fosse usada como justificativa primária para criar e organizar inúmeros museus, atividades educacionais limitavam-se a apresentar itens dos acervos e palestras de caráter acadêmico a eles relacionados, com destaque para as realizadas pelos museus de história natural. Com isso, o papel educacional recaía sobretudo as bibliotecas, que se esforçavam para aumentar a frequência de estudantes e visitantes em geral, que teve resultados positivos, pois grande parte da população tinha acesso às bibliotecas.

Em 1866 o historiador Wilcomb E. Washburn trabalhava no Instituto Smithsonian (atualmente composto por dezenove museus) (Fig. 1) e deixou claro que não concordava com o aspecto acadêmico presente nos museus e que esses deveriam ter como função social educar qualquer pessoa e não apenas aquelas com conhecimento acadêmico.

---

2 Todas as citações diretas de George E. Hein aqui apresentadas foram traduzidas por José Minerini Neto.



Fig. 1: Fotografia: José Minerini Neto; Freer Gallery of Art/Smithsonian, Washington.

No decorrer do século XX muitos museus dos EUA passaram a ter como fundamento educacional a educação progressista proposta por Dewey, proporcionando experiências para os visitantes que podem resultar em percepções críticas sobre os temas em questão, com destaque para o pioneirismo de Benjamin Ives Gilman, que, em 1915 abriu as portas do Museu de Belas Artes de Boston aos domingos para receber trabalhadores e, com isso, afirmando que museus possuem função social.

Esses dois exemplos se relacionam claramente com o que Dewey chamou de educação progressiva, na qual a experiência se conecta com a sociedade e visa o desenvolvimento autônomo, integral e irrestrito de todos.

O único museu que teve participação direta de Dewey resultou da amizade dele com o empresário Albert C. Barnes, que assistiu palestras de Dewey no TC e teve contato com as propostas de educação que estavam sendo por ele desenvolvidas. Colecionador, Barnes se interessou em aplicar a educação progressiva em *The Barnes Foundation* (Fig. 2), na qual expunha parte de sua coleção de arte. Lá Dewey pode confirmar que museus (nesse caso, museu de arte) são lugares de educação e que experiência estética é experiência educacional.



Fig. 2: Fotografia: José Minerini Neto; The Barnes Foundation, Filadélfia.

## A presença do museu na Escola-Laboratório de Dewey

Visitar museus foi atividade que permeou toda a vida de John Dewey, levando-o a concluir que essa prática lhe foi de grande importância educacional, o que se comprova em cartas trocadas por ele com sua esposa e filhos durante viagens que faziam, nas quais deixa claro que visitas a museus eram recorrentes tanto nas cidades que visitavam quanto nas em que moravam. Leia um trecho de carta escrita por ele para seus filhos em 1894 quando estavam na Europa com sua primeira esposa Alice e ele - Dewey - em Nova York: "Gostei muito das suas cartas sobre o Museu do Trocadero. Vocês poderão ver muitos barcos, roupas e ferramentas indianas no museu aqui quando voltarem. Amo muito vocês. Papai" (HEIN, 2012, p. 39)

Na série de palestras "A escola e a sociedade" que Dewey proferiu em 1899, apresentou ilustrações de como seria a organização espacial de sua escola ideal. Tal proposta não tinha pretensões arquitetônicas, mas sim pedagógicas e em concordância com a educação progressiva e democrática. Georg E. Hein nos informa sobre os esquemas e conteúdos presentes nas pranchas que Dewey apresentou, assim como sobre conexões que traçou entre assuntos presentes nos currículos escolares com

atividades da vida cotidiana, que acontecem além dos limites físicos da escola e da educação formal.

Na Prancha I (sem imagem no referido livro de Hein), Dewey descreveu as fases da educação entre o jardim da infância (*kindergarten*) e a educação pós-secundária (*sic*); na Prancha II, enfatizou que a escola deveria estar conectada à vida exterior ao espaço escolar; na Prancha III esquematizou como deveria ser o piso térreo de uma escola com áreas dedicadas a atividades relacionadas à vida e não a disciplinas curriculares tradicionais, colocando ao centro a biblioteca; por fim, Hein nos diz que na Prancha IV apresentou sua proposta para o andar superior da escola, no qual o museu ocupa o espaço central.

Quem explica a seguir cada uma dessas pranchas é próprio John Dewey, em registros feitos por ele em 1900 a partir da série das palestras “A escola e a sociedade”.

Referente ao esquema da Prancha II (Fig. 3), ele destacou:

O centro representa a maneira como todos se reúnem na biblioteca, ou seja, frente a uma coleção de recursos intelectuais de toda espécie que iluminam o trabalho prático, dando-lhe sentido e valor liberal. Se os quatro espaços exteriores representam a prática, o interior representa a teoria das atividades práticas ... Seu grande significado é que eles mantêm o equilíbrio entre o lado social e o individual - o gráfico simboliza particularmente a conexão com o social. (DEWEY, 1900 apud HEIN, 2012, p. 42)

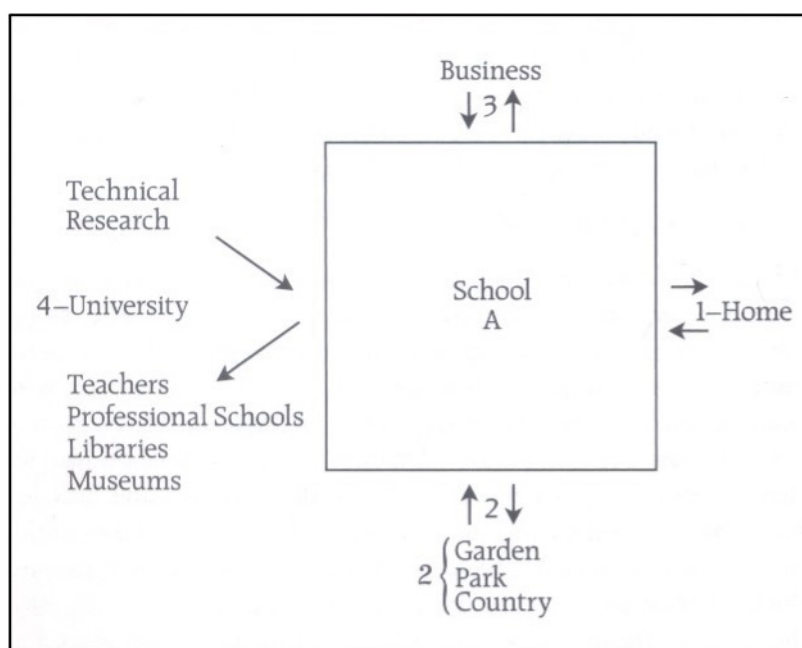


Fig. 3: Prancha II (HEIN, 2012, p. 42): Esquema com concepção de Dewey sobre a unidade da escola e da vida.

No esquema da Prancha III (Fig. 4) Dewey apresentou como ele pensou as relações que poderiam acontecer entre as atividades escolares, a biblioteca e o

museu:

Se você imaginar metade das salas nos quatro cantos e a outra metade na biblioteca, terá a ideia da sala de recitação (sic). Esse é o lugar onde as crianças trazem as experiências, os problemas, as perguntas, os fatos particulares que encontraram, e os discutem para que uma nova luz possa ser lançada sobre eles, particularmente uma nova luz sobre a experiência dos outros, a sabedoria do mundo acumulada... Isso, nem preciso dizer, determina a posição do "livro" ou da leitura na educação. (DEWEY, 1900 apud HEIN, 2012, p. 43)

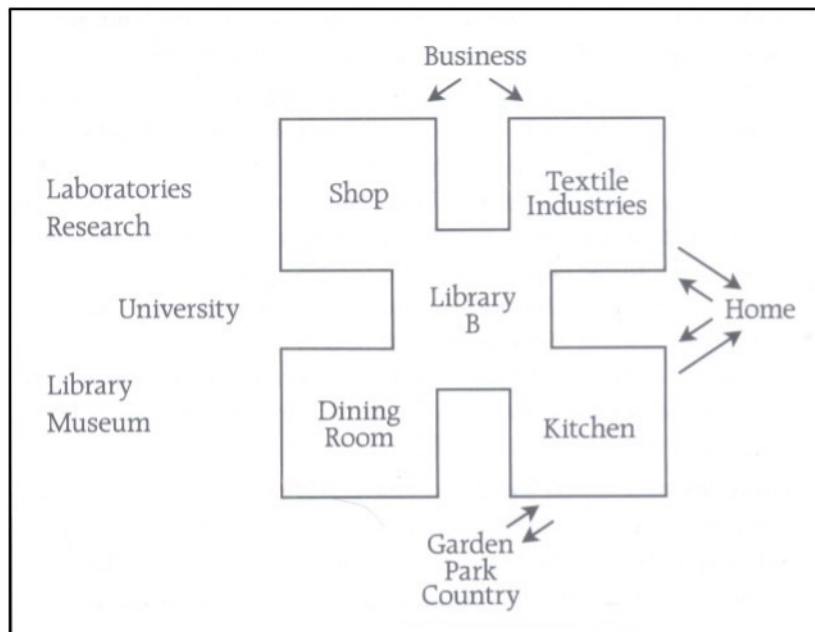


Fig. 4: Prancha III (HEIN, 2012, p. 43): Esquema com representação de Dewey para o piso térreo de sua escola ideal.

Por fim, ele apresentou no esquema da Prancha IV (Fig. 5) a relação entre escola, museu e as artes. Dewey nos diz:

Nos cantos superiores ficam os laboratórios; nos cantos inferiores estão os estúdios de arte, tanto artes gráficas quanto artes sonoras. As questões, os problemas químicos e físicos, que surgirem na cozinha e na oficina, poderão ser levados para os laboratórios para serem resolvidos ... O desenho e a música, ou as artes gráficas e sonoras, representam o culminar, a idealização, o ponto máximo de refinamento de todas as palavras ditas. (DEWEY, 1900 apud HEIN, 2012, p. 44)



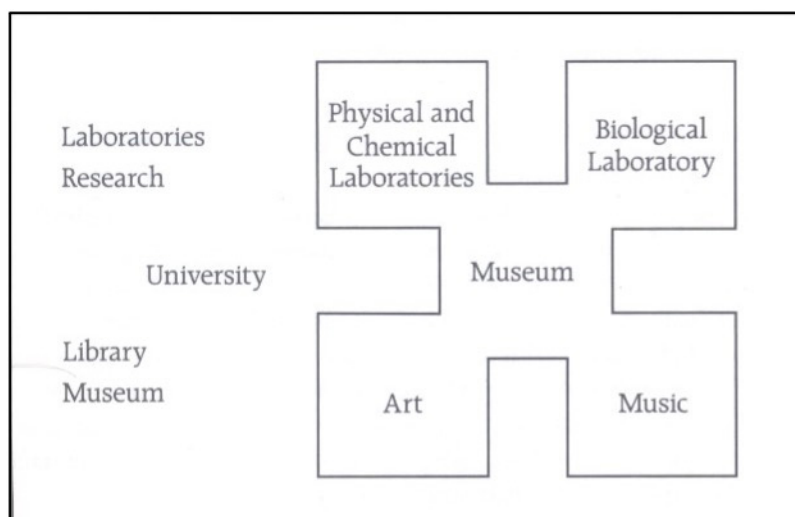


Fig. 5: Prancha IV (HEIN, 2012, p. 44): Esquema com representação de Dewey para o andar superior de sua escola ideal.

Como visto, Dewey apresentou em 1899 uma proposta de organização do espaço escolar que, sob muitos aspectos, provocou e continua a provocar espanto, tamanha era (e por vezes ainda é) a inovação do que propôs, porque:

[...] insistiu que os edifícios escolares deveriam incluir lojas e laboratórios, bem como salas de aula, destacando também oficinas, cozinhas e jardins, que geralmente não eram encontrados nas escolas da época, mas que eram essenciais para o desenvolvimento de uma educação democrática baseada na experiência. Em particular, Dewey reconheceu que os museus eram instituições educacionais componentes da escola reformada (por ele), desempenhando um papel semelhante ao das bibliotecas. (HEIN, 2012, p. 40)

Ao propor vários ambientes na escola, Dewey ofereceu condições para que ativem experiências completas, com qualidade e significativas. No livro *Democracia e Educação* ele afirma:

A simples atividade não constitui experiência. É dispersiva, centrífuga, dissipadora. A experiência na sua qualidade de tentativa subentende mudança, mas a mudança será uma transição sem significação se não se relacionar conscientemente com a onda de retorno das conseqüências que dela resultam. Quando uma atividade continua pelas conseqüências que dela decorrem a dentro, quando a mudança feita pela ação se reflete em uma mudança operada em nós, esse fluxo e refluxo são repassados de significação. Aprendemos alguma coisa. (DEWEY, 1979, p. 152)

Aprendemos alguma coisa também em exposições e em seus inúmeros propósitos. Muitas são as exposições das duas primeiras décadas do século XXI que usaram a palavra ocupação para designar ações dentro de espaços expositivos, quer

seja apresentando uma exposição em si, em atividades das mais diversas ordens em seu interior, ou mesmo participando de performances e happening, para as quais passamos a usar a expressão “ativar obras de arte”, o que de algum modo se relaciona com ocupações ativas nas ações educativas propostas por Dewey:

A conveniência de tomar-se como ponto de partida a experiência de aptidões dos educandos e de se aproveitarem as mesmas para esforço da ação educativa, levou a adotarem-se espécies de atividade, nos jogos e nos trabalhos, semelhantes àquelas a que se entregam fora da escola as crianças e os adolescentes. [...] A experiência demonstrou que quando se tem oportunidade de pôr em jogo, com atos materiais, os impulsos naturais da criança, a ida à escola é para ela uma alegria, manter a disciplina deixa de ser um fardo e o aprendizado é mais fácil. (DEWEY, 1979, p. 215)

Tais ações educativas envolvem processos de ocupação que podem se dar na diversidade de materiais e nos jogos que por ventura se estabelecerem:

Há trabalhos com papel, papelão, madeira, couro, barbante, argila e areia, e metais, com ou sem aparelhos e instrumentos ou máquinas. Os processos empregados são dobrar, cortar, furar, medir, modelar, fazer moldes e modelos, aquecer e esfriar, e as aplicações próprias de instrumentos como martelos, serrotes, limas, etc. Excursões, jardinagem, cozinhar, costurar, imprimir, encadernar livros, tecer, pintar, desenhar, cantar, dramatizar, contar histórias, ler e escrever – como trabalhos ativos com finalidades sociais (e não como simples exercícios para adquirir proficiência que futuramente seja usada) além de uma inumerável variedade de brinquedos e jogos, constituem algumas espécies de ocupação. (DEWEY, 1979, p. 216)

Com isso, a experiência se dá nas diferentes áreas de conhecimento e suas muitas possibilidades e interrelações prático-teóricas, potencializadas pelos espaços a elas destinados.

Anísio Teixeira partiu para os Estados Unidos em 1927 e lá teve conhecimento da filosofia da educação de John Dewey, tornando-se aluno dele na pós-graduação em Educação na Columbia University. Ao voltar para o Brasil, traduziu para o português textos de Dewey (as citações do livro *Democracia e Educação* presentes nesse artigo são traduções de Anísio Teixeira) e defendeu que a educação deveria ser ofertada a todos, em concordância com os preceitos deweyanos. Isso o levou a inúmeras ações em defesa da educação democrática e progressiva, dentre elas, participar em 1932 do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova - que possui claras influências da filosofia pragmática de Dewey - e a implementar as Escolas Parque no decorrer da redemocratização do Brasil após o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1946. Sobre as Escolas Parque, Ana Mae Barbosa destaca que Teixeira:

Foi o criador, nesse período, das Escolas Parque, na Bahia e em Brasília, e do Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas com Escolas-Laboratório em diferentes regiões do país. [...] Essas escolas, assim como aquela criada por Dewey na Universidade de Chicago, ensinavam carpintaria, culinária,

trabalhos de tecelagem e muitas outras “atividades manuais e corporais”. Tanto meninos como meninas foram matriculados em todas elas. Por razões econômicas, esse tipo de escola foi fisicamente separado da escola comum [...]. (BARBOSA, 2001, p. 63)

Qualquer informação colocada no espaço em que a experiência artística acontecerá pode interferir. Constatei isso em 2001 ao visitar com Ana Amália e outros integrantes do coletivo de arte/educadores AEP - Arteducação Produções a exposição “Uma viagem com Anita: A festa da forma e da cor” no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado - MAB/FAAP em 2001. Parte da expografia era cenografada tal qual muitas outras exposições realizadas então e nas mais diversas instituições, quando cenografar exposições era tendência na virada do milênio. Sobre isso, Lisbeth Rebollo Gonçalves destaca:

Na perspectiva da função comunicativa da exposição, compre observar como e quando se convencionam os modos de organização técnica e espacial da exposição ou se introduzem alterações nesses modos convencionados. É interessante observar que os recursos “cenográficos” criam para o receptor as estratégias que funcionam como chaves da exposição, pelas quais são possíveis a experiência estética e a apreensão de conteúdos. A “cenografia” cria a condição intertextual para proporcionar a comunicação da arte de forma a condicionar o efeito estético, ou seja, a recepção da arte em exibição. (GONÇALVES, 2004, p. 35-37)

Tudo girava em torno do universo de Anita Malfatti, artista para a qual a mostra era dedicada e que se encerrava em um grande ateliê de pintura em tela ou em cartão telado, cuja proposta era pintar com as mãos invertidas, mesmo desafio vivido por Malfatti que, por ter nascido com a mão direita atrofiada, aprendeu a pintar com a mão esquerda. Porém, havia pendurado nas paredes do ateliê reproduções de pinturas com vertente expressionista. Dentre elas estava uma reprodução de “Os girassóis” de Van Gogh, não surpreendendo a grande quantidade de participantes que abandonavam todo o universo de Anita Malfatti visto na exposição para explorar aspectos dessa pintura de Van Gogh, o que deixa claro que o espaço físico educacional interfere diretamente na experiência que nele acontecerá.

## **Considerações Finais**

As experiências na Escola-Laboratório de John Dewey colocaram em prática seus ideais de educação a partir da experiência para resolver situações-problema, termo bastante em voga na educação brasileira atual.

A professora Maria Nazaré de C. Pacheco Amaral destaca que “Dewey define a educação como aquele processo de reconstrução ou reorganização da experiência por meio do qual percebemos melhor o seu significado e, assim, habilitamo-nos melhor a dirigir nossas experiências futuras” (AMARAL, 2007, P. 117), o que Dewey

deixa claro em sua proposta de espaço escolar.

Pensar o espaço da experiência educacional é pensar além do espaço da educação formal da escola. É pensar também no espaço da educação não formal presente nas mais diversas instituições, caso de ONGs, museus, centros culturais e bibliotecas em si, assim como nos espaços de educação informal que acontece em praças públicas, playgrounds e brinquedotecas de condomínios e clubes, que, se contarem com a participação de educadores em suas concepções espaciais, certamente surgirão novas possibilidades de ocupá-los e ativá-los, afinal, são espaços potencialmente educacionais.

## Referências

AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2004.

HEIN, George E. **Progressive museum practice: John Dewey and democracy**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2012.

MATTAR, Denise (curadoria). **Uma viagem com Anita: A festa da forma e da cor**. São Paulo: MAB/FAAP, 2001.

MINERINI NETO, José. Democracia e educação progressiva em museus: relato de uma experiência. In: AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco, MURARO, Darcísio Natal (org.). **Anais do seminário comemorativo do centenário do livro Democracia e Educação: a filosofia da educação de John Dewey em debate**. Londrina: UEL, 2016, p. 82-98. Disponível em < [http://www.uel.br/eventos/centenariode/pages/arquivos/Anais\\_Seminario\\_DE.pdf](http://www.uel.br/eventos/centenariode/pages/arquivos/Anais_Seminario_DE.pdf) >. Acesso em: 7 jul. 2021.

Submissão: **21/07/21**

Aceitação: **04/08/21**